



TRUZ, TRUZ: O DIGITAL BATE À PORTA DA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO

KNOCK, KNOCK: THE DIGITAL KNOCKS AT THE EDUCATION RESEARCH DOOR

Marina Duarte, Ana Nobre e Ana Mouraz

DOI: <https://doi.org/10.34627/uab.edel.15.1>

Quando se bate à porta, quem está do lado de lá pode fazer uma de duas coisas: ignorar, ou ver quem bate e *quiçá*, abrir a porta. É assim que começamos este livro, com o digital a “bater à porta” da Investigação em Educação, simbolizando metaforicamente que, se por um lado, há portas que certamente já foram abertas, outras haverá que ainda permanecem fechadas. O foco do livro são as portas abertas que resultam de duas constatações fundamentais que cruzam a Investigação em Educação: a de que, quer a Educação quer a Investigação, estão a mudar a sua ontologia por causa do digital.

Antes da situação pandémica que ainda vivemos, já o digital ocupava uma boa parte dos temas da Investigação em Educação, em Portugal, que tinham na reconfiguração do ato educativo o seu enfoque maior. O número de revistas internacionais, de livros, de teses, de dissertações produzidas no campo, grosso modo balizado pelas palavras “Educação” e “Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação”, era já considerável e em crescimento. Uma pesquisa na Scopus com os termos “ICT”¹ e “Education”, mostra um aumento de 50% nas publicações dos autores portugueses, quando comparamos os cinco últimos anos (2016 a 2020) com os cinco anos anteriores (2011 a 2015). Com este crescimento, e devido ao impulso gerado pela necessidade imposta pelo contexto pandémico, também a referência ao digital como veículo de inovação em Educação se tem tornado incontornável, como ilustra o “Plano de Ação para a Educação Digital (2021-2027)” (Comissão Europeia, 2020). Procurando aproveitar a transformação digital “forçada” do ensino e da aprendizagem, a Comissão Europeia exorta os Estados-Membros a “adaptar os respetivos sistemas de educação e formação à era digital”, assumindo que a transformação destes sistemas é “elemento essencial da visão de uma Europa adaptada à era digital” (Comissão Europeia, 2020, p. 22).

¹ ICT (*Information and Communications Technology*)



Por outro lado, também as tecnologias têm vindo a modelar a investigação, e a sua influência faz-se sentir nas cinco dimensões identificadas por Anderson e Kanuka (2003): 1) Na comunicação entre os membros da equipa; 2) No acesso aos dados; 3) No tratamento dos dados; 4) Na gestão da investigação; e 5) No reconhecimento e revisão da comunidade científica. Se o tratamento dos dados, sobretudo os dados quantitativos, há muito se fazia pelo recurso a programas informáticos que digitalizaram os dados e reconfiguraram o seu tratamento, é igualmente verdade que também tem havido alguma preocupação no desenvolvimento de programas que se aproximam das necessidades dos investigadores para cumprir essa função. Igualmente os benefícios e facilidade de assegurar tarefas relativas ao acesso aos dados, quer documentais, quer empíricos, e as tarefas de gestão de projetos são incomensuráveis.

Todavia, a disponibilidade de novas fontes de dados sobre fenómenos coletivos, ou dimensionados a uma escala macro, criou, ela própria, a oportunidade para novas abordagens entre as ciências sociais, ditas tradicionais, e os campos de estudo emergentes, como os estudos dos media ou as ciências da informação (Venturini et al., 2017). Por último, foi por causa da digitalização que a comunidade científica e as equipas de investigação se reconfiguraram, quer no sentido do alargamento numérico, quer no de procura de maior afinidade e especificidade dos temas de investigação. Para isso, foram decisivas as redes sociais. Estarão ainda por estudar, os efeitos que a inclusão das redes sociais nos processos de comunicação e disseminação do conhecimento científico produzido, têm sobre a imagem pública da ciência.

O propósito deste livro define-se na intertessitura destas duas constatações, de que o digital tem afetado a Educação e tem afetado a Investigação. Se, por um lado, o digital traz para a educação e para a vida das crianças e jovens, novos tempos e lugares, por outro lado abre portas para entrar nesses tempos e lugares, proporcionando ferramentas e instrumentos para neles navegar. A digitalização da vida humana acontece a um ritmo exponencial e cria uma quantidade imensurável de dados que ficam assim ao alcance da investigação, influenciando os seus objetivos e intenções (Knox, 2016). Ao investigador apresentam-se agora duas realidades, uma física e outra virtual, das quais emerge uma terceira, resultante da interação de ambas e da influência que exercem mutuamente. E se cada uma delas, por si só, requer métodos e abordagens metodológicas próprias, pretendemos ilustrar com este livro que isto está longe de esgotar as exigências que se colocam à Investigação em Educação e ao perfil do investigador no século XXI. Trata-se, afinal de uma viagem inesperada, nas palavras de Venturini e seus colaboradores (2017).



O nicho que o livro pretende ocupar é o da análise e da crítica dos efeitos que o digital pode acarretar à Investigação em Educação, nomeadamente nos modos como o objeto educativo pode ser investigado e construído. O que pretendemos promover é a discussão sobre as portas que o digital abre ao que pode ser a Investigação em Educação e consequentemente aos modos como a educação pode vir a ser abordada no futuro, decorrente desse efeito.

Os métodos digitais têm vindo a ser definidos como um termo que busca capturar um desenvolvimento recente na pesquisa relacionada com a *Internet* e que, nesse sentido, inclui não só a própria rede como o campo de investigação mas também os recursos tornados manipuláveis pela tecnologia e as ferramentas para o fazer (Hutchinson, 2016).

Embora um acervo considerável de literatura tenha surgido recentemente para dar conta da dinâmica global que traz para a investigação alguma reflexão sobre os efeitos dos recursos metodológicos afetados pelo digital (por exemplo, Halfpenny e Procter, 2015), há alguma escassez de literatura em língua portuguesa que reflita sobre a Investigação em Educação em face da dinâmica global da digitalização. Este livro aborda essa lacuna, explorando os conceitos e as práticas da Investigação em Educação reconfigurados por efeito do digital e de que têm sido obreiros investigadores que pensam e escrevem em português. A obra conta com o contributo de 32 autores portugueses e não só, estando representadas 13 instituições de ensino superior portuguesas, de norte a sul do país, dos subsistemas universitário e politécnico.

Os capítulos foram selecionados para serem representativos de: 1) Aspetos que o digital trouxe para a investigação e seu impacto nas abordagens metodológicas; 2) Uma seleção de estudos centrados em metodologias qualitativas (mas não só), norteados pela questão: “O que é que o digital trouxe de novo a esta forma de produzir ciência em Educação?”. Os autores dos capítulos são especialistas reconhecidos, nas temáticas conceptuais que compõem a primeira parte do livro ou em estudos que aplicam as metodologias tratadas na segunda parte, alguns deles mesmo antes da revolução digital, que recorrem a exemplos de pesquisas empíricas para ilustrar a dimensão reflexiva que este livro pretende explorar.



Assim, os cinco primeiros capítulos de cariz conceptual, de discussão teórica ou sustentada na literatura, identificam e discutem alguns dos mais relevantes aspetos que o digital trouxe para a investigação e seu impacto na pesquisa que se faz em educação.

Iniciamos a primeira parte do livro com o olhar de António Moreira, António Pedro Costa, Katia Alexandra de Godoi e Silva e Gregory Bryda sobre o modo como o digital tem influenciado a investigação qualitativa em educação, nomeadamente pelo uso crescente dos *softwares* de apoio à análise qualitativa de dados. Os autores apresentam uma breve história destes *softwares* e sua evolução, e implicações na investigação em educação, devido ao impacto da tecnologia no registo, recolha e análise de dados.

Prosseguimos com Albertina L. Oliveira, Cristina C. Vieira e Marco A. F. Amaral, que nos apresentam uma breve reflexão sobre os paradigmas de investigação e seus reflexos nas abordagens metodológicas, seguida da apresentação das vantagens e desvantagens da aplicação de questionários por via digital. O capítulo continua com a discussão das questões da validade dos próprios instrumentos digitais, na sua interseção com as inerentes questões éticas do processo de fazer ciência, e termina com a partilha de algumas inquietações que têm como objetivo fomentar uma atitude crítica, por parte de quem faz investigação, perante o “mundo novo” que o ambiente *online* parece oferecer.

No capítulo seguinte, Brígida Mónica Faria, Patrícia Sá e Alexandra Oliveira abordam os desafios que o acesso e gestão de megadados coloca à Investigação em Educação. As autoras começam por introduzir o conceito dos megadados e sua aplicação no contexto educativo, passando à apresentação da influência dos megadados, das metodologias propostas para os analisar, das potencialidades e constrangimentos na investigação em educação e do seu impacto na formação de “novos” investigadores em educação. Tratam as questões da propriedade e acesso aos megadados no contexto da União Europeia, terminando com algumas reflexões nas quais estes aspetos se cruzam.

O modo como os ambientes virtuais e as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de colaboração na investigação são-nos trazidos por Daniela Melaré V. Barros, Alexandra Okada, Maria de Fátima Goulão, Susana Henriques e José António Moreira. Os autores analisam os elementos pedagógicos que constituem uma investigação aberta e colaborativa nestes ambientes virtuais e em rede, realizando



essa análise pela abordagem qualitativa com foco em discussões originárias de cursos na área da formação *online*, comunidades de aprendizagem e interfaces inovadoras. Apresentam aspetos inovadores, mas complexos, que resultam em estratégias pedagógicas para a coinvestigação.

A primeira parte do livro termina com o contributo de Lidia Marôpo, Patrícia Dias, João Torres, Maria do Rosário Rodrigues e Catarina Delgado, que nos mostram como as ciências da comunicação - mais especificamente os estudos sobre crianças, jovens e media – podem auxiliar professores e investigadores da educação a compreender melhor a infância e a juventude num contexto em que os media sociais, enquanto espaços fundamentais de construção identitária, redefinem as vivências infantojuvenis. Diante do desafio de promover o desenvolvimento do indivíduo digital como um todo, os autores apelam a um maior diálogo entre a educação e a comunicação, em prol de uma visão holística das práticas *online* e *offline* das crianças e jovens e da utilização de novas metodologias que ajudem na compreensão da complexidade das tecnologias digitais.

A segunda parte do livro inclui cinco capítulos de cariz teórico-prático sobre metodologias maioritariamente qualitativas, mas não só, dando conta da reconfiguração necessária que tais metodologias necessitam decorrentes do recurso ao digital.

José Carlos Morgado e António Osório levam-nos numa reflexão conjunta sobre o estudo de caso e o modo como este foi afetado pelo digital, partilhando algumas das suas preocupações. Recorrendo a estudos recentes relacionados com o contexto pandémico, colocam em evidência o modo como o estudo de caso reúne potencialidades que podem ajudar a melhorar os processos educativos que se desenvolvem nas escolas, reconhecendo-o como uma estratégia investigativa que fará da profusão das novas tecnologias um esteio para a sua melhoria e consolidação.

Prosseguimos com Isabel Fialho e Marília Cid, que partilham uma experiência do tipo investigação-ação, que teve a particularidade de ter acontecido totalmente em ambiente digital à distância. O estudo decorreu numa instituição pública de ensino superior, no âmbito de um curso de formação pedagógica criado com o propósito de disponibilizar ferramentas para contribuir para a melhoria do processo pedagógico, particularmente no que se refere à avaliação.



As questões de investigação que o orientaram foram as seguintes: Quais os efeitos da investigação-ação, em ambiente digital, nas conceções de avaliação de um grupo de professores? Pode o ambiente digital ser facilitador de avaliação pedagógica com propósitos formativos?

No capítulo seguinte, Sofia Marques da Silva reconhece a intensificação da relação entre a etnografia e o digital, pelo efeito que a tecnologia teve nas condições da investigação etnográfica, através de novas ferramentas, de imersão nos contextos digitais onde se produzem culturas, também educacionais, e aos quais se torna pertinente aceder e conhecer. A autora propõe-se contribuir para averiguar o que se conserva do método etnográfico – denso e descritivo – quando se procuram estudar as implicações e as interações sociais da vida social *online* ao mesmo tempo que se aponta para a complementaridade entre a etnografia *offline* e *online* no exercício de dar conta de fenómenos socioeducativos multissituados.

As Narrações Multimodais chegam-nos pela mão de J. Bernardino Lopes e M. Clara Viegas, procurando dar resposta à dificuldade em conseguir “entrar” verdadeiramente nas salas de aula. Apresentam uma visão geral da investigação já realizada e alguns dos seus principais contributos, numa perspetiva de ciência aberta, tornando patente a diversidade de linhas e focos de investigação. A ferramenta, atualmente validada pela comunidade científica, tem ainda a vantagem de permitir a constituição de um acervo digital e público de Narrações Multimodais de práticas de ensino em diferentes contextos, constituindo-se como uma e-ferramenta ao serviço da melhoria dessas práticas e da investigação em Educação, em particular a investigação qualitativa, dada a riqueza dos dados disponíveis.

A encerrar a segunda parte, Ana Marta Flores e Rita Sepúlveda tomam como ponto de partida o argumento de que, com a presença e o acesso mais amplo à tecnologia, o contexto educacional e as suas dimensões se vão transformando, para conduzirem um estudo sobre o programa do Ministério da Educação português #EstudoEmCasa, lançado em 2020 como resposta à condição pandémica e à suspensão das aulas presenciais. Os resultados obtidos mostram que as redes sociais analisadas (Instagram, Twitter e YouTube) emergem como segundo ecrã (de televisão) que gera debate em torno das temáticas, qualidade das aulas, descontextualização, humor e “memetização” do conteúdo do programa, mas também onde se partilham ambientes de estudo e os seus constituintes.



O livro termina com uma reflexão final sobre as portas que o digital abriu na Investigação em Educação. Para isso, mobilizamos os questionamentos que os autores nos apresentam e os estudos que os ilustram. Revisitamos os contributos dos vários capítulos, interrogando-os quanto às questões éticas, às questões técnicas e aos efeitos na Investigação em Educação, procurando construir conhecimento sobre a reconfiguração trazida pela “entrada” do digital.



REFERÊNCIAS

Anderson, T., & Kanuka, H. (2003). *E-Research: Methods, Strategies, and Issues*. Allyn and Bacon.

Comissão Europeia. (2020). *Plano de Ação para a Educação Digital (2021-2027): Reconfigurar a educação e a formação para a era digital*. https://ec.europa.eu/education/education-in-the-eu/digital-education-action-plan_pt

Halfpenny, P., & Procter, R. (2015). *Innovations in Digital Research Methods* (1st ed.). SAGE Publications Ltd.

Hutchinson, J. (2016). An introduction to digital media research methods: how to research and the implications of new media data. *Communication Research and Practice*, 2(1), 1-6. <https://doi.org/10.1080/22041451.2016.1155307>

Knox, J. (2016). *Posthumanism and the Massive Open Online Course*. Routledge.

Venturini, T., Jacomy, M., Meunier, A., & Latour, B. (2017). An unexpected journey: A few lessons from sciences Po médialab's experience. *Big Data & Society*, 4(2), 205395171772094. <https://doi.org/10.1177/2053951717720949>